

A LINGUÍSTICA EM DIÁLOGO

VOLUME
COMEMORATIVO
DOS 40 ANOS
DO CENTRO
DE LINGUÍSTICA
DA UNIVERSIDADE
DO PORTO

COMISSÃO ORGANIZADORA

João Veloso

Joana Guimarães

Purificação Silvano

Rui Sousa-Silva

40

anos



TÍTULO	A Linguística em diálogo Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto
COORDENAÇÃO	João Veloso Joana Guimarães Purificação Silvano Rui Sousa-Silva
EDITOR	Centro de Linguística da Universidade do Porto
ANO DE EDIÇÃO	2018
CONCEÇÃO GRÁFICA	Invulgar - Artes Gráficas, S.A.
TIRAGEM	200 exemplares
ISBN	978-989-54104-3-9
DEPÓSITO LEGAL	443246/18

A publicação deste volume contou com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do financiamento atribuído ao Centro de Linguística da Universidade do Porto ao abrigo do Fundo de Reestruturação de Unidades 2016 - Ref^a UID/LIN/0022/2016.

O DISCURSO RELATADO EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA IMPRENSA PORTUGUESA ATUAL

Noémia Jorge

n.o.jorge@fcsh.unl.pt

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Maria do Rosário Luís

mrosario@sapo.pt

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

RESUMO. O artigo que agora se apresenta resulta da investigação realizada no âmbito do projeto em curso *Promoção da Literacia Científica* e foca a questão do discurso relatado em textos de divulgação científica na imprensa atual portuguesa. Concebendo os textos de divulgação científica como textos que difundem conhecimentos científicos junto do grande público, consideramos que os mesmos são marcados, entre outros aspetos, por uma prática de linguagem centrada em operações de reprodução e de reformulação do discurso. Na linha de Authier-Revuz (1982), entendemos que o discurso de divulgação científica é condicionado pela reformulação de um discurso fonte num discurso segundo e, consequentemente, que o discurso segundo é (pelo menos em parte) o produto da atividade de reformulação do discurso fonte. As modalidades de relato do discurso (das mais miméticas às mais difusas) assumem particular relevância enquanto mecanismo que realiza textualmente a comunicação/divulgação do discurso científico.

Assim, com base num *corpus* constituído por onze textos publicados na imprensa atual (*Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Público*, *Sol*) entre 12/05/2016 e 06/06/2016, produzidos no âmbito do chamado *jornalismo científico*, inscritos na área da Medicina e subordinados ao tema *saúde*, analisaremos o funcionamento do discurso relatado nesses textos, tendo em conta a configuração

linguística das formas de relatar discurso mais recorrentes na divulgação da ciência.

Privilegiamos, em termos de enquadramento teórico-metodológico, a perspetiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997) – perspetiva essa que complementamos com estudos específicos na área do discurso de divulgação científica e do discurso relatado, com destaque para Authier-Revuz (1982, 1985, 1999, 2001), Zamboni (2001) e Duarte (2003). Ao nível metodológico, optamos por uma via de abordagem predominantemente qualitativa e interpretativa.

A análise permitirá concluir que a configuração do discurso relatado nos textos de divulgação científica apresenta procedimentos linguísticos determinados pela prática de divulgação científica, prática essa que resulta da confluência de duas esferas sociais distintas – a ciência e o jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação da ciência, texto de divulgação científica, discurso relatado, verbo introdutor do discurso relatado, atividade de linguagem.

ABSTRACT. This article is the result of an investigation made within the ongoing project of Scientific Literacy Promotion (Promoção da Literacia Científica) and focuses on the question of related discourse in texts of scientific dissemination, in the current Portuguese press.

If we consider these science dissemination texts as texts that aim to diffuse scientific knowledge, we can see that they are marked, among other aspects, by a language practice centered in operations of reproduction and reformulation of the discourse. Following Authier-Revuz (1982), we consider that science dissemination discourse depends on the reformulation of a departure discourse in a target discourse and, consequently, this target discourse is (at least a part of it) the product of the activity of reformulation of the departure discourse. The modalities of relating the discourse (whether it is close to the departure discourse or very different from it) assume a particular relevance as a mechanism that textually produces the communication-dissemination of the scientific discourse.

Thus, based on a *corpus* of eleven texts, published in the current Portuguese press (*Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Público*, *Sol*) between 12/05/2016 and 06/06/2016, within the scope of what they call scientific journalism, inscribed within the area of Medicine and the theme of *health*, we will analyse the functioning of the related discourse in these texts, having in mind the linguistic configuration of the most recurrent ways of relating the discourse, in the communication of science. From the theoretical-methodological point of view, we privilege the perspective of the Socio-Discursive Interactionism (Bronckart 1997), complemented with specific studies within the area of scientific dissemination discourse and related discourse, according to the theories of Authier-Revuz (1982, 1985, 1999, 2001), Zamboni (2001) and Duarte (2003). From the methodological point of view, our approach is predominantly qualitative and interpretative.

This analysis will allow us to conclude that the configuration of the related discourse in scientific dissemination texts presents linguistic procedures that are determined by the practice of scientific dissemination, which is a result of the confluence of two distinct social spheres – science and journalism.

KEYWORDS: Science dissemination, scientific dissemination text, related discourse, verbs introducing related discourse, language activity.

1 – Breve nota sobre a transmissão do conhecimento científico

Atualmente, a transmissão da ciência é concretizada de diversas formas. Entre elas, poderemos destacar, sem pretensões de exaustividade, a transmissão que se realiza: i) no meio académico em que o conhecimento científico é produzido e validado, entre pares, através da modalidade oral (conferências, comunicações, palestras) e escrita (livros, artigos científicos); ii) através do jornalismo científico, em que os jornalistas se assumem como principais agentes de difusão das descobertas científicas recentes, comunicando a ciência ao grande público; iii) por meio de suportes que divulgam a um público não especializado o conhecimento científico já validado – com destaque para as enciclopédias, programas televisivos ou radiofónicos (ex.: *1 minuto de ciência*) ou para os espaços interativos de divulgação científica e tecnológica (ex.: Centros Ciência Viva); iv) no meio escolar, no seio do ensino formal das ciências e dos documentos programáticos que o regem.¹

Qualquer destas modalidades tem como objetivo a *divulgação da ciência* (assumimos, na esteira de Crato (2006:4), a *divulgação* como “actividade de difusão de conhecimentos, atitudes e pontos de vista científicos a que o receptor adere voluntariamente”), inserindo-se num processo de transposição dos conhecimentos científicos. No entanto, ainda que os objetivos sociocomunicativos sejam comuns, as práticas sociais são distintas (académico-científica, jornalística, didática...), apresentando especificidades em termos de contexto de produção e receção/interpretação e dando origem a novos (tipos) de saberes. Poder-se-á afirmar, neste caso, que é “a própria conceção de saber que assim se desloca: do saber que

¹ Posicionada na área da lexicografia, Lino (1996) apresenta uma proposta de classificação sobre o grau de especialização dos textos científicos que ilustra uma outra possibilidade de categorização. Para a autora, os textos podem ser classificados como *altamente especializados* (redigidos por especialistas para especialistas), *altamente especializados didáticos* (redigidos por especialistas para alunos universitários), *semiespecializados* (redigidos por especialistas com carácter de vulgarização), *banalizados* (redigidos em sistemas paralelos à linguagem científica em causa) e *vulgarizados* (redigidos com carácter de vulgarização da ciência).

se reproduz e se transmite (ou da ilusão desse saber) para o saber que se constrói em situação – organizando-se, formulando-se, reformulando-se” (Coutinho 2001, 148). Corroborando os pontos de vista defendidos por Zamboni (2001), consideramos que as práticas linguísticas de difusão do saber científico devem ser encaradas não como “um discurso da ciência degradado”, mas como práticas de linguagem específicas e distintas das práticas de linguagem que lhes deram origem, resultantes “de um efetivo trabalho de formulação discursiva, no qual se revela uma ação comunicativa que parte de um ‘outro’ discurso e se dirige para ‘outro’ destinatário” (Zamboni, 2001, xviiiix).

As especificidades de cada modalidade vão repercutir-se necessariamente ao nível da língua. É esta, aliás, a perspetiva de Fayard (1988:13), que advoga que “é apenas ciência, a ciência comunicável”, acrescentando que a comunicação da ciência se faz não apenas entre pares/especialistas (com recurso à partilha de uma linguagem comum), mas também para grandes públicos (não especializados), dando origem a “verdadeiras empresas específicas de produção, reprodução e tratamento estratégico da informação” (Fayard, 1988: 20).

2 – Características dos textos de divulgação científica

O jornalismo científico assume-se como uma atividade de linguagem cuja essência é indissociável do ato de divulgação científica ao grande público. Como a própria designação/etiqueta sugere, o jornalismo científico resulta da confluência de duas atividades de linguagem distintas: a atividade científica e a atividade jornalística. Como tal, a linguagem por ele utilizada para (construir e) veicular conhecimentos herda características das duas áreas, nomeadamente o léxico da especialidade da área científica em causa e a didatização da linguagem científica operada pela linguagem jornalística.

Tendo em conta categorias de análise de ordem contextual e textual, Gonçalves *et al.* (2017)² sintetizam as principais características dos textos

² Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do projeto *Promoção da Literacia Científica*,

de divulgação científica produzidos na esfera do jornalismo científico nos seguintes termos:

Categorias de análise		Regularidades
Nível contextual (contexto de produção)	Produtor textual	Cientista (reconhecido como especialista) Jornalista (especializado na divulgação da ciência)
	Intenção comunicativa	Divulgar um acontecimento científico
	Suporte	Publicação periódica (revista/secção de jornal ou revista) associada à divulgação de ciência
Nível textual	Conteúdo temático	Referência à atividade científica <ul style="list-style-type: none"> • cientistas/investigadores/estudo/ jornal/revista • processo de investigação • resultados da investigação
	Estrutura (plano de texto)	Articulação entre texto e imagem (com destaque para a fotografia e a infografia) – multimodalidade Texto encabeçado por título Estrutura variável, em função do género textual
	Mecanismos linguísticos	Articulação entre dois discursos/textos (ciência e jornalismo) que se reflete <ul style="list-style-type: none"> • no emprego de vocabulário técnico (e na sua explicitação) • na reprodução do discurso do cientista, sob a forma de discurso direto (citação) ou discurso indireto (paráfrase, síntese) • na referência ao texto fonte ou ao autor do texto fonte (argumento de autoridade) Presença de <ul style="list-style-type: none"> • reformulações, paráfrases, explicações, analogias (comparações) • deícticos espaciais e temporais (associados ao carácter noticioso inerente à divulgação científica) • presente com valor genérico (associado à teorização científica) • marcas de modalização epistémica (certeza ou dúvida)

QUADRO 1 – Principais características dos textos de divulgação científica produzidos na imprensa portuguesa atual (Gonçalves *et al.* (2017: no prelo))

financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (PG LC P44) e do Projeto Estratégico UID/LIN/03213/2013, no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). A identificação de características mais recorrentes nos textos de divulgação científica resulta da análise de um *corpus* de textos de divulgação científica publicados na imprensa atual (*Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Sol, Expresso, Super Interessante, Quero Saber, National Geographic Portugal*), disponíveis em linha (<http://www.literaciencia.pt/corpus>). A constituição do *corpus* obedeceu aos seguintes critérios: foram recolhidos textos em jornais e revistas portuguesas, entre maio e junho de 2016 sob o indexador “ciência”; todos os textos foram considerados indexadores títulos de secção, palavras-chave (*tags*), ou palavras-chave com hiperligações (*hashtags*); não foram incluídas notícias de carácter político (por exemplo: anúncios de medidas governamentais).

Como se pode constatar através da leitura do Quadro 1, uma das principais especificidades linguísticas dos textos de divulgação científica que circulam na imprensa atual portuguesa reside na articulação entre dois textos/discursos – o do jornalista e o do cientista que lhe dá origem. Esta articulação reflete-se, entre outros aspetos, “na reprodução do discurso do cientista, sob a forma de discurso direto (citação) ou discurso indireto (paráfrase, síntese)”. É sobre esta característica em particular que nos debruçaremos em seguida.

3 – O discurso relatado em textos de divulgação científica – análise textual

Apresentamos nesta secção alguns resultados da análise das possibilidades de configuração do discurso relatado em textos de divulgação científica produzidos na imprensa portuguesa atual, no âmbito do chamado jornalismo científico.

A análise tem como base um *subcorpus* selecionado a partir do *corpus* disponível no sítio *Promover a literacia científica* e é constituído por onze textos publicados na imprensa atual (*Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Público*, *Sol*) entre 12/05/2016 e 06/06/2016, circunscritos à área da Medicina e ao tema *saúde*. Os textos adotam formatos textuais distintos, correspondendo aos géneros textuais *notícia*, *reportagem* e *breve*.

A análise incidirá sobre o funcionamento do discurso relatado nos onze textos, tendo em conta a configuração linguística das formas de citar ou reformular o discurso científico – com enfoque quer nas configurações do discurso relatado, quer nos verbos introdutórios do relato do discurso.

Privilegiamos, em termos de enquadramento epistemológico, a perspetiva do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997), assumindo a centralidade da noção de *atividade de linguagem* (concebida enquanto atividade linguística que constrói e verbaliza determinada prática produzida numa esfera social concreta – ou, como veremos, na confluência de duas esferas sociais distintas). Em termos teóricos, complementamos esta perspetiva com estudos específicos na área do discurso relatado – nomeadamente Authier-Revuz (1984, 1997, 2001) e Duarte (2003) e do

discurso de divulgação científica – com destaque para Authier-Revuz (1982, 1985, 1999) e Zamboni (2001). Optamos por uma via de abordagem predominantemente qualitativa e interpretativa, por nos parecer que este tipo de metodologia se adequa à análise, na medida em que permite analisar, por meio de um paradigma retórico-hermenêutico (Rastier 2001), as relações que se estabelecem entre os mecanismos de realização textual (neste caso, o discurso relatado) e as atividades de linguagem que os condicionam.

3.1 – Configurações do discurso relatado

Presente em todos os textos que constituem o *corpus* atrás referido (independentemente do género textual adotado pelos mesmos), a integração do discurso do cientista no discurso do jornalista poderá ser encarada como uma das especificidades mais recorrentes nos textos de divulgação científica. Não nos referimos apenas a questões de ocorrência / não ocorrência de discurso relatado, mas também aos tipos de configurações linguísticas assumidas pelo discurso relatado, que passam por práticas de citação (discurso direto) e de reformulação (discurso indireto – paráfrase, síntese).

Num artigo sobre o discurso relatado nos textos de divulgação científica (*vulgarisation scientifique* – VS), Authier-Revuz (1982), reflete sobre a questão em análise, sublinhando:

Ainsi, si la V.S. se donne pour tâche de transmettre des connaissances figurant dans un discours D1 sous la forme d'un discours sur le monde, ce n'est pas en énonçant, à son tour, en D2, un discours du même type adapté au nouveau récepteur – comme c'est le cas, nous semble-t-il pour les manuels et les encyclopédies – mais en prenant appui, explicitement, sur ce discours D1. Schématiquement, le message n'est pas de la forme “les gènes sont” mais “X a dit / vient de dire /dit que les gènes sont...”

Authier-Revuz (1982:36)

Num texto posterior subordinado ao mesmo tema (Authier-Revuz, 1999:11), a autora considera que os artigos de divulgação científica “colocam em cena de modo muito insistente uma dupla estruturação da

enunciação”: a do discurso científico (D1) e a do discurso de divulgação científica (D2). Authier-Revuz salienta ainda duas especificidades do discurso científico: aparece massivamente sob a forma de discurso indireto – *O Senhor X (os químicos, os especialistas, o mundo dos eruditos...) pensa (diz, experimentou, demonstrou, explicou...) que...* – e é marcado por referências abundantes aos nomes próprios dos enunciadores, os lugares e os tempos dos atos de comunicação.

Os textos do *corpus* analisado corroboram as reflexões de Authier-Revuz – de facto, mesmo os textos de menor extensão (etiquetados na atividade de linguagem jornalística como *breves*) refletem a articulação entre os dois discursos (o do cientista e o do jornalista). O exemplo 1 ilustra essa articulação:

(1) *Cancro Amostras de sangue serão eficientes*

As amostras de sangue podem ser tão eficientes para os exames do cancro como as biópsias invasivas aos tecidos e ajudar os médicos a prescrever o tratamento adequado para combater os tumores, revela um estudo divulgado na reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica, nos EUA.
(JN_0007_P_56).

Ainda que o discurso relatado não esteja graficamente marcado, facilmente se identifica o esquema proposto por Authier-Revuz no exemplo 1: *Os cientistas (um estudo) dizem/revelam que X (as amostras de sangue...)*. De facto, o texto é maioritariamente constituído pela reformulação de um discurso fonte (“*As amostras ... tumores*”), que se encontra encaixada no discurso do jornalista (“*revela um estudo divulgado na reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica, nos EUA*”). O que está aqui em causa não é uma asserção do tipo “*as amostras de sangue podem ser...*”, mas “*um estudo divulgado na reunião... revela que as amostras de sangue podem ser...*”. Há, pois, uma alteração ao nível dos mecanismos de responsabilidade enunciativa: o jornalista transfere a responsabilidade do que diz para o enunciador primeiro (*o estudo produzido pelos cientistas*), não com o intuito de se distanciar relativamente ao que é dito, mas para conferir autoridade ao seu discurso.

Ainda assim, note-se que a opção pelo discurso indireto e pela paráfrase poderá denotar algum grau de comprometimento enunciativo relativamente ao que é dito, na medida em que o jornalista assume uma postura ativa de reformulação do discurso fonte, dando a conhecer a sua interpretação desse discurso. Este facto deve-se, acreditamos, a questões de ordem jornalística e didática – o objetivo do jornalista será dar a conhecer ao grande público, de forma fluida e facilmente compreensível, um conhecimento científico recente, construído na esfera científica por uma linguagem altamente especializada. A opção pelo discurso indireto (em detrimento do discurso direto) poderá, a nosso ver, ser perspectivada como uma forma possível de concretização da “produção, reprodução e tratamento estratégico da informação” referida por Fayard (1988).

O exemplo 1 ilustra ainda outro aspeto comum aos textos que constituem o *corpus* analisado, de ordem temática e estrutural, que contribui para a caracterização da configuração linguística do relato do discurso (aspeto esse que não se circunscreve aos textos de divulgação científica, mas que se alarga a outros textos jornalísticos). O texto é constituído por dois segmentos distintos: i) a expressão que, inserida no discurso do jornalista, assinala a presença do discurso relatado, constituída pela identificação da fonte (seja ela um cientista, um estudo ou uma organização) e pelo verbo introdutor do relato do discurso; ii) o discurso relatado propriamente dito (na forma de discurso indireto). A ordem pela qual estes dois segmentos ocorrem não será a mais habitual na língua portuguesa (na medida em que não reflete a estrutura sintática SVO), levando a que o discurso do cientista ocorra em posição temática e que, por isso, assuma uma posição de destaque na frase.

O texto é ainda marcado por uma especificidade sintática que, mesmo podendo ser considerada subversiva em termos gramaticais, é recorrente no *corpus*: o discurso reformulado encontra-se subordinado ao discurso do jornalista (em termos sintáticos, corresponde a uma oração subordinada que completa o sentido do verbo introdutor do relato do discurso), mas, quando ocorre em início de frase, omite-se a conjunção subordinativa completiva. Parece existir uma contaminação da configuração linguística do discurso direto (que não implica uma relação de subordinação explícita entre os dois discursos e que permite a presença de orações intercaladas).

No limite, o que poderá aqui estar em causa são as fronteiras – difusas – entre o discurso direto e o discurso indireto.

Embora o exemplo 1 ilustre uma modalidade de reprodução do discurso que se poderá classificar como *difusa*, no *corpus* analisado, a articulação entre os dois discursos é feita também com recurso ao discurso direto e indireto *canónicos*. No exemplo 2 ilustra-se essa situação.

(2) *Há quase dez anos no IGC, como coordenadora do grupo de investigação sobre regulação celular, Mónica Bettencourt-Dias tem hoje uma série de estudos publicados sobre estas pequenas estruturas celulares e, de alguma forma, o artigo que sai hoje na Science completa um ciclo de trabalho. “Fizemos vários estudos sobre estas estruturas, sobre como surgem, e agora sobre a forma como são eliminadas, ou seja sobre o seu nascimento e a sua morte”, diz a investigadora do IGC, que se confessa satisfeita com os resultados alcançados. “Levou tempo mas valeu a pena.”*
(DN_0001_P_4).

Aqui, o discurso da cientista surge configurado de acordo com duas modalidades distintas: i) discurso direto, sob a forma de citação, graficamente delimitado por aspas e fazendo menção de uma expressão (pretensamente) concreta da enunciadora citada (*“Fizemos vários estudos sobre estas estruturas, sobre como surgem, e agora sobre a forma como são eliminadas, ou seja sobre o seu nascimento e a sua morte”* / *“Levou tempo mas valeu a pena.”*); ii) discurso indireto, assente não na reprodução mimética das palavras da enunciadora citada, mas na síntese de conteúdos da enunciação por ela produzida (*“que se confessa satisfeita com os resultados alcançados”*).³

A opção pelas duas modalidades de relato do discurso poderá dever-se a questões de ordem estilística. A título de exemplo, considere-se *o Livro de Estilo* da Agência Lusa:

³ Esta forma de ocorrência de discurso indireto foi, aliás, já observada por Duarte (2003:91):

As entrevistas e/ou declarações textuais, na opção formal do discurso direto alongado, não devem ultrapassar os 200 caracteres. Nestes casos específicos, a uma frase em discurso direto não deve seguir-se outra igualmente em discurso direto, sejam elas separadas por um parágrafo ou não.

Agência Lusa (em linha)

Relativamente à gestão de vozes no exemplo 2, refira-se ainda que a integração, no discurso do jornalista, de vários segmentos de discurso relatado, resulta em estruturas de dois tipos – encaixe (quando sintaticamente subordinados) e alternância (“*Levou tempo mas valeu a pena*”). Este segundo tipo de estrutura caracteriza-se, a nosso ver, por uma relativa autonomia em relação ao discurso do jornalista (prescinde-se do verbo introdutor do discurso relatado e à identificação do enunciador desse discurso) e só pode ocorrer em cotextos que não suscitem ambiguidade nem afetem a inteligibilidade relativamente à identificação do enunciador citado. Com efeito, a identificação inequívoca do enunciador citado é uma preocupação da linguagem jornalística, pelo que a inclusão de uma citação implica a identificação, pelo leitor, do enunciador citado.⁴

3.2 – Verbos introdutores do discurso relatado

Os verbos introdutores do discurso relatado têm sido, nas últimas décadas, alvo de atenção privilegiada nos estudos do relato do discurso. De entre as propostas disponíveis, poderíamos destacar, a título de exemplo, as de Charolles (1976), Kerbrat-Orecchioni (1980), Leech (1983) ou Duarte (2003).

“Contrariamente à hipótese de existência de uniformidade do DI, defendo que existem diversos matizes debaixo de uma aparente uniformidade: se uns exemplos do DI estão mais próximos do resumo, da síntese de conteúdos, outros incluem, por vezes, menção de expressões concretas do enunciador citado. Entre um tipo de DI e outro, são inúmeras as gradações existentes [...]”.

⁴ Citando o *Livro de Estilo* da Agência Lusa (disponível em linha), “A identificação e/ou a atribuição das transcrições devem vir, de preferência, no início e não no fim dos períodos. É um recurso estilístico que só beneficia a clareza e a rapidez de leitura, podendo também usar-se a intercalação entre vírgulas. / Exemplo: “Devemos unir-nos em torno dos grandes ideais republicanos”, exortou o Presidente da República, “ideais que exigem, da parte dos agentes políticos, um esforço acrescido para a concretização da ética republicana e para a transparência na vida pública”.

No entanto, com base no *corpus* analisado, concluímos que, mesmo contribuindo de forma inequívoca para o estudo do discurso relatado, estas propostas não são suficientes para analisar cabalmente a atividade de linguagem jornalística atual associada à divulgação científica. Assim, tendo como ponto de partida os estudos que apresentam propostas de classificação do discurso relatado (com destaque para Duarte 2003), mas assumindo que a divulgação do discurso científico na imprensa apresenta contornos específicos, propomos uma tipologia que tem em conta fatores de ordem contextual (associados às práticas de divulgação científica) e de ordem textual (referentes à estruturação textual).

Designamos o primeiro grupo de verbos como verbos orientados para a *divulgação da ciência* e repartimo-lo em três subgrupos, que exemplificamos abaixo: o da *asserção*, referente às afirmações tradicionais/proposições que se julgam verdadeiras (exemplo 3); o da *dúvida*, que corresponde aos enunciados em que se veicula um valor de incerteza (exemplo 4); o de *divulgação*, em que se destaca a intenção comunicativa do enunciador citado (exemplo 5).

- (3) “*A divisão celular tem de ter um número muito certinho de centríolos*”, **vincou** à Lusa a investigadora Mónica-Bettencourt Dias, coordenadora do Laboratório de Regulação do Ciclo Celular. (JN_0003_P_3)
- (4) *Todos os pacientes eram, no entanto, quase terminais, pelo que os autores do estudo **acreditam** que a performance da droga pode ser melhorada.* (DN_0004_P_52)
- (5) *Vários laboratórios **anunciaram** ontem, no maior centro de medicina oncológica do mundo, que está a decorrer em Chicago, nos Estados Unidos, que há ensaios clínicos em curso de novas drogas que poderão ser armas inovadoras contra alguns dos tipos de cancrois mais mortais.* (DN_0004_P_52)

Estes verbos assinalam, em maior ou menor grau, a presença de duas esferas sociais distintas, que confluem na mesma atitude comunicativa: comunicar ciência, nos seus vários estádios de desenvolvimento – desde que determinado projeto científico é anunciado, até ao momento em que

os resultados provisórios ou definitivos são divulgados (sob a forma de dúvidas ou asserções).

O segundo grupo corresponde aos verbos orientados para o *suporte* (em geral, escrito) e relaciona-se concretamente com o ato de *ler* e de *escrever*, estando orientado para o ato de produção ou receção-interpretação textual:

- (6) *Em conclusão, **escrevem** os autores do estudo, “registámos que a administração central de FGFI desvenda uma capacidade inerente do cérebro para induzir uma remissão sustentável da diabetes”.* (PB_0020_P_29)

Finalmente, o terceiro grupo de verbos contribui para a *estruturação do texto* (podendo referir-se ao plano do texto-fonte, ao plano do texto de divulgação científica propriamente dito ou a ambos), assumindo uma função metalinguística:

- (7) *“Os resultados indicam que o vírus Zika do Brasil atravessa a placenta e causa microcefalia ao infectar células progenitoras corticais, induzindo a morte celular e pondo em causa o neurodesenvolvimento”, **concluem** os cientistas no artigo, **acrescentando** que o modelo que usaram “pode servir para determinar a eficiência de terapias experimentais”.* (PB_0002_P_9)

Apresentamos no Quadro 2 uma proposta de categorização dos verbos introdutórios do discurso relatado nos textos de divulgação científica, tendo em conta questões de ordem contextual (atividade de divulgação científica) e temática (conteúdo temático verbalizado nos textos).

Tipos de verbos		Exemplos
Verbos orientados para a comunicação da ciência	Asserção	<i>dizer, afirmar, indicar, sublinhar, vincar, frisar, declarar</i>
	Dúvida	<i>especular, acreditar, sugerir</i>
	Divulgação	<i>informar, anunciar, divulgar, mostrar, explicar, revelar, confirmar, demonstrar, descrever, esclarecer, avisar</i>
Verbos orientados para o suporte		<i>ler (lê-se), escrever</i>
Verbos com função de estruturação do texto		<i>acrescentar, adiantar, responder, concluir</i>

QUADRO 2 – Verbos introdutores do discurso relatado nos textos de divulgação científica (imprensa atual)

Ainda que o discurso relatado tenda a ser introduzido por verbos, as expressões que assinalam a presença do discurso relatado nem sempre são de natureza verbal. Com efeito, no *corpus* analisado o discurso relatado é frequentemente introduzido por segmentos textuais que Adam (2008) designa como “marcadores de quadros mediadores ou fontes de saber” (*segundo, de acordo com, para, de fonte segura...*).

(8) *De acordo com as conclusões do estudo, liderado por Mónica-Bettencourt Dias, do ICG, e publicadas na revista “Science”, o mecanismo foi identificado na mosca da fruta, mas é visível em todos os animais, incluindo os seres humanos.* (JN_0003_P_3)

No exemplo 8, o marcador “de acordo com” tem uma função idêntica à exercida pelos verbos introdutores do discurso relatado, na medida em que permite identificar a fonte citada, atribuindo um ponto de vista distinto do texto que introduz – conferindo credibilidade/autoridade ao texto de divulgação científica.

4 – Considerações finais

Duarte (2003:97) considera que “A imprensa é, por excelência, o lugar do relato de discursos”, acrescentando, relativamente ao discurso direto, que

nem sempre essas aspas que assinalam DD no relato de imprensa pretendem significar que a reprodução de palavras é exata e objetiva. Frequentemente, querem apenas responsabilizar o locutor das palavras citadas pela respetiva enunciação, porque o jornalista não partilha o ponto de vista do locutor citado e deseja marcar o seu texto do texto do outro.

Embora a reflexão de Duarte se afigure válida para grande parte dos textos que são publicados na imprensa portuguesa atual, entendemos que, no caso específico do jornalismo científico, o relato do discurso desempenha uma outra função. De facto, ao contrário do que acontece com textos de imprensa associados a outras áreas, o jornalista recorre à citação não para se demarcar do ponto de vista do locutor citado, mas como argumento de autoridade, na medida em que se reproduz a voz do especialista e se partilha com ele a responsabilidade enunciativa. Assim, o discurso relatado torna-se um mecanismo linguístico ao serviço da legitimação do conteúdo científico transmitido.

Este aspeto insere-se, em última análise, numa outra questão mais abrangente, que se relaciona com a própria noção de *texto*. Nas palavras de Bronckart (1997), um texto poder-se-á definir como uma unidade comunicativa global, construído em/pela sociedade, em atividades de linguagem concretas. Como tal, resulta da articulação de fatores de ordem textual e contextual. Ao contrário das línguas, os textos estão condicionados pelo *universo de discurso* e pela *situação*, não podendo, por isso, ser considerados como objetos estritamente linguísticos (Coutinho 2003). As possibilidades de configuração e funcionamento do relato de discurso nos textos de divulgação científica que acabámos de apresentar comprovam que os textos são *objetos empíricos e complexos*, condicionados por múltiplos fatores em interação, linguísticos e extralinguísticos. Os textos de divulgação científica, em particular, resultam da confluência de duas atividades de linguagem distintas – ciência e jornalismo – e, como tal, os

mecanismos de realização textual neles presentes são condicionados por essas duas áreas. A configuração do relato do discurso no *corpus* analisado demonstra isso mesmo, na medida em que advém da imbricação de duas esferas sociais – a ciência e o jornalismo científico (divulgação da ciência).

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. 2008. *A lingüística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- Authier-Revuz, J. 1982. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. *Langue Française* **53**, 34-47.
- Authier-Revuz, J. 1984. Hétérogénéité(s) Enonciative(s). *Langages*, 73, 98-110.
- Authier-Revuz, J. 1985. Dialogisme et vulgarisation scientifique. DISCOSS. 1. *Actes du Colloque Discours Contrastif - Sciences et Sociétés*, 14-15 mars, Paris, 117-122.
- Authier-Revuz, J. 1997. Modalisation Autonymique et Discours Autre: Quelques Remarques., *Modèles Linguistiques*, **XVIII (1)**, 33-51.
- Authier-Revuz, J. 1999. Dialogismo e divulgação científica. *RUA* **5 (1)**, 9-15.
- Authier-Revuz, J. 2001. Le Discours rapporté. In: R. Thomassone (dir.), *Une Langue : le français*. Hachette, coll. Grands Repères culturels, 192-201.
- Bronckart, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Charolles, M. 1976. Exercices sur les verbes de communication. *Pratiques* **9**, 83-107.
- Coutinho, M. A. 2001. Saberes e dizeres. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* **14**, 141-151.
- Coutinho, M. A. 2003. *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG/FCT.
- Crato, N. 2006. As saudáveis diferenças entre a divulgação, o ensino e a investigação. *Revista da Universidade de Évora* **III 6**, 4-11.
- Duarte, I. M. 2003. *O relato do discurso na ficção queirosiana*. Lisboa: FCG/FCT.
- Fayard, P. 1988. *La Communication Scientifique Publique - De la Vulgarisation à la Médiation*. Chronique Sociale: Lyon.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1980. *L'Énonciation de la subjectivité dans le langage*.

Paris: Armand Colin.

- Gonçalves, M. *et al.* (2017). Divulgação da ciência na aula de Português. In: *Língua e Literatura na Escola do Século XXI. Actas do 12.º ENAPP. Lisboa: Associação de professores de Português* (no prelo).
- Leech, G. 1983. *Principles of Pragmatics*. London and New York: Longman.
- Lino, T. 1996. Da constituição de *corpora* à lexicografia informatizada de especialidade. In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, I (Corpora). Lisboa: APL, 67-71.
- Rastier, F. 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Zamboni, L.M.S. 2001. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica*. São Paulo: Autores Associados/Fapesp.

